

A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO CORPORAL PARA A APRENDIZAGEM EM FASE INICIAL

ASSUNÇÃO, Inain Barbara – PUCPR
barbaraabada@yahoo.com.br

Área Temática: Formação de Professores
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo teve como objeto de estudo o movimento corporal, através da capoeira e da dança circular como eixo norteador do processo da aprendizagem em fase inicial. A partir desse objetivo, buscou-se praticar exercícios que conduzam a expressividade e que desenvolvam aspectos como: raciocínio, memória e coordenação através do estímulo corporal, bem como trazer a capoeira e a dança circular com um espaço diferenciado de relacionamento entre as crianças e do educador com as crianças, onde se experimenta o limite e o ritmo. As conclusões partiram de entrevistas com os professores das turmas que vivenciaram a capoeira e a dança circular e com a coordenação do colégio. Entende-se que este processo investigativo contribui com dados e reflexões para uma proposta diferenciada de trabalho corporal dentro do espaço escolar. Para este trabalho usamos como teóricos fundamentadores, LAPIERRE, LE BOULCH, PIAGET, FREITAS, VAYER.

Palavras-chave: Capoeira; Aprendizagem; Educação infantil.

Introdução

Este artigo tem como tema o movimento com ênfase em capoeira como eixo norteador na fase inicial do processo de aprendizagem, levando em consideração que o desenvolvimento da criança é estabelecido por meio das trocas que ela realiza com o meio, pois é através do seu corpo que ela percebe o mundo a sua volta. Dessa forma é importante proporcionar um espaço rico de trocas para que essas inter-relações e as relações com o mundo, a partir das comunicações corporais, auxiliem no processo de organização do Eu.

É importante observar que há uma preocupação com a formação pessoal e social do educando, ou seja, a escola torna-se um espaço não apenas para cumprir as funções cognitivas, mas também se voltar para as questões afetivas e emocionais. Para isso, a consciência e percepção corporal tornam-se importantes para saber os limites do próprio

movimento e dos outros, pois é através da linguagem corporal que a criança estabelece os primeiros contatos com o mundo.

Diante desse cenário nos deparamos com uma lacuna no desenvolvimento psicomotor das crianças ocasionado, talvez, pelo novo ritmo de vida impresso em segurança de estar em casa diante da televisão. Portanto, é necessário pensar em alternativas que possam ser organizadas e estruturadas em sala de aula, para que possamos preencher essa lacuna.

Segundo Vayer (1984), a criança reconhece o mundo em que vive através de seu corpo e para isso, é importante que ela tenha consciência e controle de seu próprio corpo. Pois é através da coordenação de seus movimentos e capacidade de deslocamento que a criança se coloca para explorar o mundo e estabelecer os seus conhecimentos.

Sendo assim, o professor alfabetizador deve ter consciência dos desafios encontrados durante o processo de aprendizagem e por isso, resgatar as lacunas deixadas no desenvolvimento da consciência corporal, lateralidade e noções de espaço-temporal, são aspectos que o educador terá que propor de forma lúdica e descontraída.

Gardner (1994) contribui para o assunto quando cita que as pessoas são diferentes e sendo assim, por que não usar métodos diferentes através da vivência da capoeira para o suporte da aprendizagem? E assim, entendermos o estudo sistemático do esquema corporal, lateralidade, equilíbrio, atenção, concentração, espaço-temporal, entre outros como pré-requisitos da aprendizagem.

Além da exploração do espaço à sua volta, o corpo também estará em contato com outras pessoas que estarão dividindo o mesmo local, surgindo dessa forma, oportunidades de contato, de respeitar e colocar limites. No início o primeiro contato pode ser através da agressividade, no entanto, com o tempo é necessário que esse convívio se torne harmonioso.

É importante ressaltar o papel do adulto nesse processo, pois, é ele que mediará a relação do mundo externo com o mundo da criança, proporcionando um espaço para a relação com o outro e com o senso de realidade das coisas, que são dois aspectos e à base de todo o desenvolvimento da criança.

Dessa forma a pesquisa tem como objetivos: promover exercícios que conduzam ao desenvolvimento psicomotor através da trilogia movimento-ritmo-oralidade dando ênfase

ao movimento; verificar se após as intervenções há uma evolução do esquema corporal; verificar o desenvolvimento rítmico; compreender como as intervenções em sala de aula, com os movimentos, auxiliam na estruturação de aspectos como: lateralidade, coordenação motora ampla, agilidade motora e percepção espaço-temporal; averiguar se a aplicação sistematizada de movimentos colabora com a estruturação do grupo, promovendo a aceitação das diferenças e solucionando conflitos, proporcionando assim, um ambiente adequado ao aprendizado;

Sabendo da importância do movimento na vida cotidiana do indivíduo e sabendo das dificuldades encontradas para exercê-las de forma voluntária será que a capoeira e a dança circular como movimento psicomotor atuará como elemento facilitador da aprendizagem?

Fundamentação Teórica

É necessário intensificar a importância da Educação Infantil, pois, as crianças desta faixa etária são ativas e experimentam suas habilidades através do movimento e de possibilidades entre o limite e o permitido. Sendo assim, ao inserir uma criança na escola, esta terá a missão de fazer a mediação entre os conhecimentos já estabelecidos pela criança com os conhecimentos novos adquiridos na escola e em conjunto com as ações pedagógicas buscar favorecer o desenvolvimento do educando.

É graças aos movimentos de seu corpo: coordenação entre as sensações, acomodações sensoriomotora... que a criança sai da confusão primitiva e a construção dos objetos é o primeiro exemplo dessa passagem do egocentrismo integral primitivo à elaboração final de um universo exterior (Piaget) (VAYER, 1984, p. 20)

Segundo Vayer (1984), o desenvolvimento da criança ocorre através do resultado das relações e comunicações que se estabelecem entre três elementos: o seu corpo enquanto meio da relação, o mundo das outras pessoas e a realidade das coisas. As sensações, percepções e ações formam um ciclo que se desenvolve, se enriquece e se organiza para constituir a personalidade, uma personalidade necessariamente original em relação aos outros.

Sendo assim, a organização do esquema corporal, ou seja, a organização das sensações relativas ao seu corpo relacionado com os dados do mundo exterior tem um papel importante no desenvolvimento da criança, pois esta organização é o ponto de partida dessas diversas possibilidades de ação.

“A evolução do gesto e da linguagem são aspectos importantes na formação do esquema corporal” (BORGES, 1987, p. 43).

“É em torno do corpo e a partir do corpo, isto é, com referência e ele, que se estabelece a organização do espaço, e esta conquista do espaço que prossegue ao longo da infância, objetivada pela experiência muscular e cinestésica, está por isso mesmo, estreitamente vinculada à elaboração do esquema corporal”.(VAYER, 1984, p. 20-21)

Com relação à comunicação com o outro, Vayer (1984) cita:

É evidente que os relacionamentos com o outro são estreitamente ligados à atividade motora e sensoriomotora da criança. Como esta atividade permite-lhe reconhecer o mundo das coisas, permite-lhe, da mesma forma, reconhecer o mundo dos outros, diferenciar-se dele, e progressivamente adaptar-se e integrar-se a ele.(VAYER, 1984, p. 22)

As funções cognitivas, portanto, podem ser compreendidas como uma comunicação do eu com o mundo e a forma como isso se dará, organizará um sistema de informações que regularão o seu comportamento.

É evidentes que o domínio do espaço, do tempo, da forma, da linha, do som, do ritmo, da estrutura, adquirido na ocasião da vivência com os objetos e os outros, favorece muito o aprendizado da leitura e da escrita, ainda mais que estas noções estão profundamente integradas numa participação total em todos os níveis de consciência. Quando a criança tiver o desejo de escrever, ela encontrará em si, disponíveis, todos estes elementos sem que seja necessário fazer um estudo sistemático e racional deles. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1988, p.79).

Segundo Le Boulch (1988), aos 6 anos a representação mental do corpo se transforma em um objeto do espaço que será base da descentralização, no entanto, essa imagem é apenas reprodutora e constituída pela associação entre os dados visuais e

cinestésicos. A evolução das funções cognitivas, que ocorrem após a fase das operações concretas, fará com que haja uma evolução da imagem do corpo, passando de reprodutora e tornando-se antecipadora. Dessa forma será possível que a criança não apenas ajuste a sua motricidade às condições atuais de seu espaço de vida, mas também conclua suas ações em pensamento e logo, programá-las de acordo com modelos mais ou menos completos.

Nesse contexto, Lapierre e Aucouturier, também trazem contribuições sobre os reflexos da organização espaço-temporal e sua importância para a construção do Eu.

A deficiência ao nível da organização espaço-temporal, por exemplo, (e as dificuldades escolares que exprime ou que sustenta) não são mais do que o reflexo aparente, a expressão de uma perturbação muito mais profunda que se situa “além”. Esse além é, talvez a insegurança de um espaço afetivo mal-vivenciado na sua relação com o outro e com o objeto. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1988 ou 1984, p.13).

Dessa forma, quando a criança se encontra em uma atividade lúdica, como é o caso da capoeira, encontramos três elementos importantes para o seu desenvolvimento: seu Eu, o mundo dos objetos e o mundo de outras pessoas.

Os jogos infantis são dominados por três grandes tipos de estrutura que dominam as classificações dos detalhes: o exercício, o símbolo e a regra. E estas três classes correspondem a três estágios caracterizados pelas formas sucessivas da inteligência: sensoriomotora, representativa e refletida. Os jogos de construção fazem a transição entre os diferentes estágios e as condutas adaptadas. (PIAGET, apud VAYER, 1984, p. 23)

Com relação ao movimento corporal e cognição, Vayer (1984) diz que a criança aprende as palavras e seus significados da mesma forma como ela estrutura a percepção dos objetos. Sendo assim, as palavras são realidades e tornam-se prolongamento dos gestos. Dessa forma a criança toma consciência, trava conhecimento e aos poucos, adquire domínio dos elementos que constituem o mundo dos objetos, graças aos seus deslocamentos e à coordenação de seus movimentos, portanto, através do uso cada vez mais preciso de seu próprio corpo.

Ainda nesse contexto de relação corporal e cognição, Lapierre e Aucouturier (1986) apresentam contribuições no que se refere às expressões abstratas, que abrangem as expressões plásticas, sonoras, verbais e matemáticas.

“Ordem e estrutura são também consequência do gesto, da ação: é o gesto que reúne, separa, alinha, faz a triagem, classifica e organiza os objetos móveis, ou que se organiza, a si próprio, em relação aos objetos fixos”.(LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1986, p. 79)

Sendo assim, propomos um estudo sobre como exercícios corporais aplicados no cotidiano das escolas influenciam o processo de aprendizagem das crianças.

Metodologia

A abordagem de movimento corporal escolhida foi a Capoeira. A Capoeira como meio de expressividade está relacionada com o resgate de nossa Identidade Cultural e por isso, poderá contribuir para a aprendizagem, pois é uma arte brasileira que une o movimento, a oralidade e o ritmo, que são fundamentais para o processo falado e escrito da alfabetização.

Acredito que a capoeira é arte e o esporte do futuro da humanidade, porque nela existe elemento que vêm satisfazer o homem do futuro, que é o prazer em sua descoberta através da musicalidade, ritmo e o movimento corporal resgatando, assim a sua própria identidade histórica.(FREITAS, 1997, p.66)

A capoeira também é uma forma de brincar em roda, através de movimentos adaptados inseridos ao meio de uma cantiga, e que trabalham na criança o raciocínio, a memória e naturalmente, o seu corpo.

É brincadeira completa, sob o ponto de vista pedagógico. Brincando de roda, a criança exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos ao ritmo das danças ingênuas. As artes da Poesia, da Música e da Dança uniram-se nos brinquedos de ronda infantis, realizando a síntese magnífica de elementos imprescindíveis à educação escolar. (MELO, 1985, p. 165)

Essa modalidade foi selecionada, porque trabalha com o corpo, ritmo e canto. Saliento que esta forma trabalha bastante em roda, aspecto que será enfatizado com as crianças, enfocando questões ligadas a relacionamento, o cuidado consigo mesmo, o cuidado com o próximo, reforçando assim algumas regras de convivência do grupo e uso do espaço.

Os grupos que participaram da pesquisa foram de crianças de uma escola particular da cidade de Curitiba, sendo um grupo do “Infantil 5”; duas turmas do 1º. Ano e uma turma do 2º. Ano do ensino básico. Foram realizados 10 encontros semanais de 40 minutos.

Análise de Dados

Todas as turmas que foram convidadas a participar das vivências eram compostas, na média, por 20 alunos. É importante ressaltar que todos eles têm disponíveis em sua grade curricular as disciplinas de Música e Educação Física.

Antes das vivências iniciarem, foi feita uma sensibilização com as professoras mostrando como o trabalho aconteceria e quais eram os objetivos da pesquisa. Cada professora relatou o perfil da turma para que se pudesse desenvolver atividades que contribuíssem com o processo do grupo e que fossem foco deste estudo.

As turmas apresentavam crianças que tinham um desenvolvimento compatível com a faixa etária, salvo pouquíssimas exceções, os grupos eram harmoniosos e um pouco agitados. As professoras acompanharam quase todos os encontros, mesmo naqueles em que se ausentavam tudo transcorria bem.

Com as crianças foi feito um combinado para que ficassem claras algumas regras para os encontros. Nos primeiros encontros era desafiante manter o círculo, pois, para as crianças era uma forma diferente de se posicionar, porque em sala de aula geralmente ficavam em grupinhos ou em fileiras. Para facilitar o entendimento foi trazido para o primeiro encontro uma corda com um nó nas pontas para que eles a segurassem e enxergassem um círculo bem redondo, chamamos este instrumento de corda pedagógica.

No segundo encontro foi contado “O grande segredo da roda” que é: ficamos em roda para que possamos enxergar o rosto de todos os amigos e aos poucos, eles foram compreendendo como era ficar em roda.

Em alguns momentos alguns se queixavam da falta de espaço para segurar a corda e então, falamos sobre como cada um deve estabelecer o limite do seu espaço, pois, se movimentar em roda é saber respeitar o espaço do amigo e também delimitar o seu território. Com essa intervenção, foi trabalhado a orientação espacial, o como eles se localizam no espaço e como ocupam esse lugar.

Algumas turmas aceitaram bem o círculo, que ao final do encontro, ao invés de voltar em fila para a sala de aula, pediam para voltar em roda e de mãos dadas.

Em um dos últimos encontros foi pedido que os alunos desenhassem o que eles mais gostavam na aula de capoeira e algo interessante de notar foi que muitos desenharam o grupo em roda. E quando questionados sobre o porquê da roda, eles diziam: “porque é gostoso”; “Porque é divertido”; “Porque é bonito”.

Nos encontros que vieram na seqüência as crianças já haviam compreendido como era ficar em uma roda, o que facilitou o trabalho e dessa forma, a cada encontro trazíamos uma nova questão a ser assimilada pelo grupo.

Para algumas turmas foi um desafio aceitar aquele um centro para a roda. Muitos avançavam, colocavam as mãos, torciam a roda. Depois de muitas intervenções pedindo para que eles não agissem dessa forma, foi convidado aqueles que não queriam mais participar para se sentassem e assim, descansar. Neste momento diversos alunos saíram da roda.

Diante desse fato, refletimos sobre como aquelas turmas aceitavam a questão do limite e como isso era feito em sala de aula. Após dois encontros essas turmas passaram a respeitar mais o “centro” e assim, a roda foi ficando mais harmoniosa. No entanto, em outras turmas a aceitação do centro da roda foi bem melhor e sem grandes preocupações.

Com relação ao processo cognitivo, através da capoeira desenvolvemos exercícios voltados ao desenvolvimento da lateralidade, equilíbrio, orientação espacial, percepção visual dando à coordenação motora fina melhor firmeza e maior entendimento dos signos.

Devemos usar os pandeiros como um elemento estimulador para outras práticas pedagógicas, por exemplo, trabalhar a psicomotricidade geral aumentando toda a cultura corporal da criança (FREITAS, 1997, p.77)

Algumas crianças apresentavam dificuldades em diferenciar os ritmos (rápido e lento) e aos poucos foram aprimorando seus movimentos para que pudessem perceber o ritmo dos movimentos e das brincadeiras.

A partir do 4º. encontro foram introduzidos os instrumentos para que eles reproduzissem os movimentos conforme o ritmo do pandeiro e do berimbau. Em todos os encontros foi trabalho a oralidade, através dos cantos da capoeira, assim, as crianças eram convidadas a se movimentarem, a tocarem um instrumento ou bater palmas e cantarem as cantigas.

Para cantar não tem momento específico, nós podemos cantar já quando as crianças estão se deslocando para o local onde é feita a capoeira, durante o aquecimento das brincadeiras, durante as aulas com os instrumentos berimbau, pandeiro e atabaque, no momento da roda e nos movimentos dos golpes, etc. (FREITAS, 1997, p. 94)

Esse tipo de exercício proporcionou na criança uma forma de vivenciar o movimento e a oralidade, que são noções rítmicas importantes para a cadência da escrita.

Considerando que um dos aspectos importante para que a aprendizagem ocorra é de que a criança sinta-se tranqüila, nos encontros tivemos que lidar com a ansiedade delas. Havia uma turma muito agitada de não conseguir organizar uma fila para irmos até a sala em que acontecia a vivência. Em um dos encontros ficamos 10 minutos tentando formar a fila e ao chegar à sala, todos saíram correndo para todos os lados de forma desordenada. Em conversa com a coordenação constatamos que aquela turma ocupava a menor sala do colégio e por isso, quando se deparavam com um espaço maior queriam explorá-lo ao máximo.

Após essa constatação, no encontro seguinte (4º.) no início da aula brincamos de capitão do mato pega escravo (mãe salva) e ao final, fizemos as atividades em roda. No outro encontro (5º.) brincamos de “Lenço atrás”, pois é uma brincadeira em roda e depois, começamos a aula. E então, no encontro seguinte (6º.) já não foi necessário fazer nenhum outro tipo de intervenção, as crianças já vieram para roda fazer as atividades que foi proposta

Ir em direção ao objeto, através do gesto ou do deslocamento, é uma outra dimensão que é apropriação do mundo, apropriação do espaço. Essas duas dimensões são complementares e dialéticas mas a dimensão dinâmica, a dimensão de abertura para o mundo continua sendo a projeção centrífuga para fora de si mesmo, a expansão da pessoa para além de seus limites corporais. (LAPIERRE e AUCOUTURIER, 1988, p. 43)

Com algumas turmas, devido à agitação das crianças, não era possível escutar as músicas, o que tornava a aula inviável. No encontro seguinte (2º.) foi providenciado um amplificador de som e então, com o som bem alto, era possível amenizar o som das palavras. Após o 5º. encontro foi possível tirar o amplificador de som e conduzir a aula tranquilamente. Essa questão foi trazida para o grupo e eles sentiram-se felizes por perceber uma mudança no comportamento, que aconteceu de uma forma natural.

Nesta conquista do espaço e do volume, nesta expansão do eu além de seus limites corporais, há uma noção que não foi suficientemente valorizada: é a significação simbólica do ruído. Quer seja produzido por uma emissão vocal ou por uma ação sobre o objeto, o som, como o gesto, é projeção simbólica do eu no espaço. Mais ainda que o gesto, o ruído enche o espaço da minha presença, dá volume a essa presença. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1988, p. 45)

Notamos que nessas turmas havia uma necessidade de expansão, de dominar o espaço, de se fazer presente, não apenas pelos gestos, mas através da voz como uma forma de extensão do corpo. A nossa intervenção foi incisiva: “vamos trazer um som mais alto do que eles podem produzir” e com o tempo, conseguimos adquirir um novo equilíbrio.

Para trabalhar a interação entre eles, trouxemos brincadeiras em pares. Em alguns momentos eles eram convidados a escolher um par e assim, corriam para escolher seus companheiros e em outros momentos, era pedido que brincassem com o amigo que estava ao lado. Nesses momentos precisávamos intervir e pedir a compreensão e aceitação das crianças. Foi um exercício interessante para eles, com o tempo, foram aceitando brincar com amigos que não eram tão próximos.

Da mesma forma que algumas cantigas de capoeira convidam a uma criança para estar no centro da roda e então, escolher o seu parceiro (“Eu pego um companheiro.. eu danço engraçadinho”). Neste momento em que ela se encontra sozinha no centro é o momento que ela pode se expressar e do grupo respeitar a sua singularidade.

Muitas brincadeiras convidam as crianças a se abraçarem, a terem contato umas com as outras, através das canções: “... escolha um amigo e dê um abraço”, mesmo para a atividade da roda da capoeira quando dois colegas jogam e os outros observam. Dessa forma o contato e a troca de afetos, que são importantes para o desenvolvimento infantil acontecem de maneira prazerosa e natural, dentro dos limites e da segurança da brincadeira.

Na capoeira utilizamos os pandeiros pedagógicos como uma forma de estabelecer contato com o outro, mediado por um objeto, assim, no começo não era necessário que a mão tocasse o amigo, pois, essa troca era feita através do pandeiro

Nesses momentos de entrega foi importante que, como facilitadora dos grupos, também se colocasse à disposição das crianças para que elas pudessem tocar e serem tocadas.

Com relação ao Esquema Corporal, na capoeira, no primeiro encontro foi pedido que as crianças desenhassem uma pessoa, para muitos era claro a questão de cabeça, tronco e membros, mas, algumas crianças ainda tinham dificuldades para compreender esse esquema. Ao verificar os desenhos das pessoas e as crianças se movimentando e interagindo com os amigos, era possível notar aqueles que tinham uma percepção corporal mais aprimorada e aquelas que ainda estavam em fase de desenvolvimento.

Em todos os encontros foi feito uma atividade com o propósito de trabalhar o esquema corporal (cabeça, nariz, ombro, cotovelo, braço, mão, barriga, costas, joelho, pé e bumbum), através de cantigas que convidavam as crianças a movimentarem partes do seu corpo, ou na própria ginga movimento característico da capoeira em que é possível observar as partes do corpo de forma singular.

Ao final do 10º. encontro solicitamos que as crianças desenhassem novamente uma pessoa e percebemos uma ligeira melhora na percepção corporal. Principalmente em alguns desenhos do 1º. encontro em que a pessoa era uma “bolinha” e depois já se notava uma diferenciação de cabeça e corpo ou “bolinha” com braços e pernas (divisão corporal).

Segundo VAYER (1984), o desenvolvimento da criança é um processo temporal, que se caracteriza pela organização dinâmica do Eu, ou seja, de dois aspectos complementares das atividades: funções tônicas e de motilidade e que isso permite à criança apreender a realidade do mundo. Sendo assim:

O esquema corporal é, portanto, o núcleo fundamental da personalidade, é a partir dele que são organizados todos os comportamentos, todas as condutas, todos os conhecimentos. (VAYER, 1984, p. 24)

Nas entrevistas que aconteceram ao final dos dez encontros as professoras relatavam como as crianças voltaram mais tranquilas e mais serenas para a sala de aula, assim, o conteúdo dado em sala parecia ser mais fácil de ser assimilado. Esse processo de centramento acontece, pois, muitas dessas brincadeiras e exercícios realizam o “grounding”, um termo da psicoterapia corporal que denota uma função terapêutica ligada ao enraizamento da postura e auto-segurança.

Outro aspecto ressaltado pelas professoras foi o trabalho de memória que é das brincadeiras, pois, a cada encontro era feito exercícios novos e lembrávamos alguns feitos através que já tinham sido realizados em vivências anteriores. A professora se admirou com a facilidade dos alunos para recordarem as brincadeiras.

Nesta situação é importante ressaltar que, na capoeira, há uma seqüência de movimentos e para que o exercício aconteça é importante que as crianças tenham memorizado os movimentos. Além da memória corporal também era trabalhado o canto, que facilitava o desenvolvimento das atividades, pois, muitas vezes eles ao ouvir o canto, já se recordavam dos movimentos ou ao ver a gesticulação assimilam a cantiga.

E isso acabou gerando uma lembrança dos encontros, pois durante os dias em que não estávamos presentes na escola, as crianças cantavam as músicas da capoeira durante o recreio.

O colégio em que as vivências aconteceram acolheu muito bem e proporcionou um espaço de diálogo com a coordenação, o que gerou resultados positivos ao trabalho, pois, como sempre manteve-se contato com a coordenadora relatando o desenvolvimento do trabalho, era possível pontuar alguns aspectos que poderiam ser trabalhados mesmo fora dos nossos encontros.

Um das questões que foi sentido um amadurecimento significativo das crianças foi com relação ao limite, que foi um aspecto marcante para nós, pois, em alguns dias o trabalho se tornou inviável. E com o decorrer dos encontros pudemos notar uma melhoria e ressaltar que isso foi resultado de uma intervenção conjunta com coordenação do colégio.

Considerações Finais

É importante pontuar algumas limitações dessa pesquisa, pois, devido ao número limitado de encontros não foi possível aprofundar alguns aspectos que foram percebidos durante as vivências, pois como o grupo de crianças era grande, não era possível dar atenção individual para compreender o processo que determinadas crianças estavam passando.

Sabemos também que as conclusões são fruto de um trabalho conjunto das intervenções de capoeira com o trabalho realizado no dia-a-dia pela professora regente e equipe pedagógica, pois, a cada final de encontro conversávamos com a coordenação para pontuar algumas questões, principalmente relacionados a limites.

O estudo das sugestões didático-pedagógicas apresentadas neste artigo é um convite e um incentivo ao Educador para que lancem um novo olhar sobre a importância do movimento corporal na fase inicial da aprendizagem, seja pelos aspectos motores que desenvolve ou seja pelo espaço de relações que cria entre as crianças e ele.

Dessa forma, é importante propor trabalhos de sensibilização para professores, especialmente àqueles que trabalham com aprendizagem, para que eles possam inserir em seu dia-a-dia formas diferenciadas de interação com os alunos, proporcionando um espaço rico de troca, na qual a linguagem verbal passa a ser secundária, e a linguagem corporal, a sua relação com o espaço, com o som e com o outro, passam a ter uma importância muito maior, pois, nesses pequenos gestos estão representados os seus desejos mais profundos e autênticos. Com isso poderemos ampliar a nossa compreensão sobre a criança e assim, auxiliá-la em seu processo de aprendizagem e principalmente, em seu processo de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. J **Educação Física no pré- escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.

FREITAS, J. L **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Expoente, 1997.

_____. **Capoeira infantil: jogos e brincadeiras**. Curitiba: Ed. Torre de papel, 2003.

GARDNER, H. **Estruturas da mente. A teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Ed Artes Médicas, 1994.

LAPIERRE, A. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MELO, V. **Folclore Infantil.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1985.

VAYER, P **O diálogo corporal.** São Paulo: Editora Manole Ltda, 1984.